

Comunicação e Cultura na construção da cidadania

Ruy Sardinha LOPES¹

A centralidade, econômica e social, alcançada pela cultura e processos comunicacionais na atualidade faz com que não só a discussão sobre as políticas culturais e comunicacionais ocupe boa parte as agendas nacionais e foros internacionais, bem como coloca-nos o desafio de se pensar o todo social e a formação de novas sociabilidades e sensibilidades a partir de seu inter-relacionamento.

O desafio está em superar os vieses antropológico e funcionalista que pautaram em grande parte as análises e políticas de cada área ou mesmo a ênfase “culturalista” de algumas matrizes epistemológicas, como certa vertente dos Estudos Culturais. Nesse sentido, é necessário, a um só tempo, abrir mão de um conceito de cultura cristalizado em uma formação societária distanciada da contemporaneidade e das leituras tecnicistas e maniqueístas que muitas vezes confundem os processos comunicacionais com suas apropriações no capitalismo avançado.

O vínculo necessário da cultura e da comunicação com a substância social que lhes vivificam aponta para a construção de novas linhagens conceituais capazes de abarcar o dinamismo societário, derivando daí políticas públicas capazes de assegurar ao conjunto da população o acesso às novas bases materiais e às dimensões simbólicas daí decorrentes. Com isso nos aproximamos do conceito de mediação – material e simbólica -, evidentemente não neutra e diferencial, capaz de pôr em relação não somente a realidade e a consciência social, mas também de explicitar a natureza comunicativa da cultura e a simbólica dos processos e meios comunicacionais.

O presente dossiê pretende contribuir para essa reflexão. Diante do surgimento das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICs), impulsionadas em última instância pelos processos sociais e econômicos advindos da reestruturação capitalista, os artigos se atêm, em sua maioria, aos processos derivados da chamada “convergência tecnológica” ou “digitalização”. Se a ênfase na “digitalização” ou no

¹ USP - Universidade de São Paulo - Instituto de Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, SP – Brasil. CEP: 13.560-200. E mail: rsardinalopes@uol.com.br.

reposicionamento das TICs diante da propalada “globalização” poderia sugerir um certo determinismo econômico nas relações entre cultura e comunicação, a recuperação de Celso Furtado, feita por Cesar Bolaño na abertura desse Dossiê, traz a necessária tematização do conceito de “formação cultural” capaz, entre outras consequências, de reconstituir a necessidade de um pensamento crítico e diferencial latino-americano diante das vozes que soam cada mais em uníssono no mundo acadêmico.

Os artigos seguintes, de Alexandre S. Kieling e Patrícia B. de Melo e Fernando O. Paulino, abordam, cada um à sua maneira, o fenômeno da convergência e os desafios epistemológicos e metodológicos daí advindos. As potencialidades abertas por esses novos meios, a interatividade pretendida, são de certa forma postas em tensão com a lógica sistêmica, gerando novos conflitos (como os apontados por Paulino pelos músicos independentes que se apropriam das novas formas de acesso ao conteúdo) e passam a requisitar, como também apontado por Bolaño, novos esforços analíticos, como o derivado da Economia Política da Comunicação (EPC).

Se a convergência leva a novos conteúdos e posicionamento dos agentes sociais diante dos meios, a regulação, que ultrapassa a dimensão do mercado, e “alfabetização midiática” (Patrícia de Melo) aparecem como instâncias prioritárias no estabelecimento das políticas públicas comunicacionais. Entretanto, como lembra Kieling, a dimensão cultural, os modos de conceber, fazer e apreender tais conteúdos precisam ser cotejados. Como mostra Fernando Paulino, para o caso específico da música, o surgimento das novas tecnologias alterou não somente a forma de se produzir e distribuir música, mas também a de se escutar, implicando, desta forma, mudanças não só no mundo dos negócios e uma alteração significativa nas indústrias de entretenimento, como propicia o surgimento de novas formas culturais ou a visibilidade daquelas que até então encontravam enormes barreiras de entrada; o que não significa, em absoluto, que novas barreiras sejam interpostas e que esforços em relação àquilo que já foi chamado de “regressão da audição” não encontre mais lugar nos novos meios. Pensar, pois, uma cultura e comunicação ligadas às suas substâncias sociais e às bases materiais que lhes dão suporte é compreender em sua totalidade como tais processos se constituem, as tensões e contradições interpostas por lógicas divergentes e a necessidade de políticas públicas que garantam o direito à comunicação e à cultura.